



NÃO PINTCHA

ORGAO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMACAO E TURISMO *

REDACAO ADMINISTRACAO E OFICINAS: AVENIDA DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA

TELEFONES: 3713/3726/3728

BISSAU



25 dias no trono de S. Pedro Faleceu o Papa João Paulo I

CIDADE DO VATICANO, 29 — O Cardeal Albino Luciani, de 66 anos, eleito Papa com o nome de João Paulo I em 26 de Agosto último, como sucessor do Papa Paulo VI, morreu na madrugada de sexta-feira, provavelmente devido a uma crise cardíaca que o atacou enquanto dormia, anunciou um porta-voz do Vaticano.

O Papa estava calmo e sereno na quinta-feira à noite e não manifestava nenhum sinal de cansaço, disseram fontes próximas do Sumo Pontífice.

O Pontificado de João Paulo I, eleito em 26 de Agosto último e entronizado em 3 de Setembro, não durou mais de 25 dias.

Ele surge como um dos mais curtos mandatos depois de do Papa Etienne, eleito no ano de 752, e falecido quatro dias depois da sua eleição. Este Papa não figura nas listas de oficiais. O Papa Damaso II não reinou mais de 23 dias.

Em contrapartida, o mandato mais longo foi o de Pio IX, que durou mais de 32 anos. Entre os outros mais longos mandatos destacam-se o de São Pedro, que permaneceu mais de 25 anos, Leão XIII, também com 25 anos, Pio XII, 19 anos, e Pio XI, com 17 anos.

A média duração dos pontificados, calculada com base nos reinados 264 papas que já ocuparam ao trono de S. Pedro é de 7 anos.

João Paulo I, nascera em 17 de Outubro de 1912, em Forno di Canale, na diocese de Belluno, ao norte de Veneza.

Ordenado padre em 1935, foi consagrado bispo em 17 de Dezembro de 1958 e promovido a patriarca de Veneza a 15 de Dezembro de 1969. Feito Cardeal pelo Papa Paulo VI, em Março de 1972, e membro de Conselho Permanente da Conferência Episcopal Italiana. Foi igualmente, membro de

Congregação para os Sacramentos e culto divino.

De origem modesta, filho de operário João Paulo I tinha como divisa a humildade. O Conclave dos Cardeais, que elegerá o sucessor do Papa João Paulo I deverá reunir-se entre 13 e 18 de Outubro. A constituição apostólica «Romano Pontificati Elegiendo, feita por Paulo VI, prevê, com efeito que a eleição do sucessor de um Papa defunto, deve ter lugar entre o décimo quinto e o vigésimo dia depois da sua morte.

O Cardeal Jean Villot, como já fizera depois da morte de Paulo VI, no mês de Agosto, assumiu desde sexta-feira de manhã a direcção dos assuntos correntes da igreja, até a eleição do novo Pontífice.

Os restos mortais do Papa estão expostos desde a manhã de sexta-feira numa sala do Vaticano. O corpo será, em seguida, trasladado para a Basílica de S. Pedro.

Permitida a reintegração de trabalhadores exonerados pelo decreto n.º 16/77

O Conselho de Comissários de Estado, decidiu permitir a reintegração dos trabalhadores exonerados por acção do Decreto n.º 16/77, de 20 de Abril.

Recorde-se que, na sua Mensagem de Ano Novo dirigida à Nação em 1 de Janeiro último, o Camarada Presidente do Conselho de Estado referiu-se à possibilidade de serem reintegrados nos quadros da Função Pública os trabalhadores que, tendo sido exonerados por aquele Decreto, renunciarem ao processo de aposentação junto do Governo Português, em especial aqueles que permaneceram no país dando a sua colaboração.

O decreto, apresentado sob proposta do Comissariado Principal, evoca que «considerando terem já sido apresentados diversos pedidos de reintegração, tornando-se por isso necessário tomar providências de molde a que essas preten-

sões possam ser analisadas sobre uma base legal e eventualmente atendidas», o Conselho de Comissários de Estado decreta:

Artigo 1.º — 1. Os trabalhadores abrangidos pelo disposto no artigo 1.º do Decreto n.º 16/77, de 20 de Abril, que hajam renunciado ao processo de aposentação junto do Governo Português, poderão ser reintegrados, desde que, residindo no país, a requeram até 31 de Janeiro de 1979.

2. A reintegração far-se-á no cargo que o trabalhador ocupava à data da sua exoneração por força do Decreto referido no corpo do artigo.

3. A petição deverá juntar-se documento que comprove de forma inequívoca que o trabalhador renunciou à sua aposentação pelo Governo Português.

Art.º 2.º — 1. Os trabalha-

(Continua na página 8)

Centro de Experimentação de Antula — um embrião da agricultura de amanhã

Os camponeses enquadrados na unidade de divulgação agrícola de Koió, e Antula, começaram, no dia 25, o duro trabalho da colheita de arroz. Este tipo de unidades, que existem em outras regiões do país, como em Contuboel, servem para fazer a divulgação de diferentes variedades de arroz que o Centro de Experimentação e Multiplicação situado também em Antula estuda.

As vinte e uma famílias camponesas que se encontram neste momento em Koió, campo com quatro hectares dos quais cabe a cada família uma parcela com 1664 metros quadrados, estão optimistas porque é a primeira vez que cultivam daquele tipo de arroz, e as perspectivas são de colheita abundante.

(REPORTAGEM NAS CENTRAIS)

Nulas todas as decisões unilaterais sul-africanas sobre a Namíbia

— declara o Conselho de Segurança

NAÇÕES UNIDAS (N. Y.) — O Conselho de Segurança aprovou o relatório do secretário-geral da ONU sobre o estabelecimento de um plano dito ocidental para o acesso da Namíbia à independência sob a égide

e o controle das Nações Unidas e que declara nulas quaisquer medidas unilaterais que a administração ilegal Sul-Africana da Namíbia possa tomar sobre o processo eleitoral que aí deve ter lugar.

Esta resolução surge um projecto apresentado quinta-feira ao Conselho de Segurança pelo Canadá, França, o Gabão, a República Federal Alemã, as Maldivas, a Nigéria e o Reino Unido e os Estados-Unidos.

NOVO PRIMEIRO-MINISTRO SUL-AFRICANO

Pieter Botha, ministro sul-africano da Defesa, dos mais acérrimos defensores do apartheid, foi eleito ontem Primeiro-Ministro pelos membros do Partido nacionalista que assinaram o Primeiro-Ministro demissionário, como candidato à presidência da República.



«Só para Brancos» — uma política que Botha quer continuar

UNTG dá 140 contos para a luta dos Povos da África Austral

Pág. 2

Festas nacionais da Nigéria e da China

Pág. 8

Canta irmão

Canta, canta irmão
Para saudar os heróis da
Nossa história!
Canta irmão,
Com alegria do Povo,
Para o Povo!

Canta irmão, canta
Para consolidar o mundo de
Guerra e paz,
A guerra do mundo em compreensão.

Canta irmão, canta
as suas canções,
Para que faças o teu povo
Dormir um sono de liberdade,
Protegida pela tua voz!

José António F. Pires

Pedido de correspondência

Jovem brasileiro de 23 anos de idade deseja corresponder com seus colegas da Guiné-Bissau «não só para a troca de selos, mas também, para um intercâmbio cultural de literatura, pinturas, desenhos cartuns, artesanato, folclore, teatro, danças e arte de um modo geral».

Nome: José Valter Pereira, nascido a 3 de Dezembro de 1955, natural de Bahia e tem como principais ocupações: trabalho de auxílio de administração e tem o 2.º ano de curso médio.

Passatempo: escreve poesias, contos e poemas. Pinta telas e possui outras experiências ligadas à arte.

Morada: Rua Bento Cardoso, n.º 12, sala 307, Penha Circular — CEP 21.211.

Rio de Janeiro — Brasil

Mensagem a Nino Vieira

O Presidente do Conselho dos Ministros da URSS, camarada A. Kossyguin, enviou uma mensagem de felicitações ao camarada João Bernardo Vieira (Nino), por ocasião da sua recente nomeação ao cargo de Comissário Principal com seguinte teor:

«Por motivo da vossa nomeação ao posto de Comissário Principal do Conselho dos Comissários da Re-

pública da Guiné-Bissau, aceite as minhas cordiais felicitações e votos de êxito nas suas actividades neste alto posto.

Exprimo a certeza de que as relações amistosas e a cooperação frutífera que se estabeleceram entre a União Soviética e a República da Guiné-Bissau, desenvolver-se-ão também no futuro, nos interesses dos povos dos nossos países, da causa da Paz e Progresso».

UNTG dá 140 contos para a luta dos povos da Africa Austral

Em nome dos trabalhadores da Guiné-Bissau, a U.N.T.G. fez ontem a entrega de quatro mil dólares (140 mil pesos) ao Secretário-Geral Adjunto da OUSA — Organização da Unidade Sindical Africana — destinados ao fundo de solidariedade aos povos da Africa Austral, no final da cerimónia de encerramento do seminário de formação sindical média, realizado no edifício da sede do Partido, de segunda a sexta-feira passadas.

A entrega foi feita pelo Secretário-Geral da nossa União de Trabalhadores camarada José Pereira, na presença do camarada Fidelis Cabral de Almada, Co-

missário de Estado da Justiça, do Secretário-Geral Adjunto da OUSA, Abdoulaye Lelouma Diallo e dos representantes de centrais sindicais de países vizinhos: Guiné, Senegal, e Mauritânia. As representações destas centrais sindicais, vieram testemunhar a sua solidariedade fraternal com os nossos trabalhadores, tendo participado activamente no desenvolvimento dos temas inscritos no programa do seminário. As delegações regressaram ontem após terem sido recebidos pelo Presidente do Conselho de Estado, camarada Luiz Cabral.

O seminário, que partiu de uma iniciativa conjunta

da UNTG e OUSA, teve como tema central a «educação operária», subdividida em vários subtemas dos quais se destacam: breve história do movimento operário africano; recursos financeiros dos sindicatos; o papel e a importância da formação ideológica para as organizações sindicais; e história da UNTG e seu papel na luta de Reconstrução Nacional.

De uma maneira geral, todas as exposições foram seguidas de ricos e animados debates que permitiram frutuosas trocas de experiências entre conferencistas e seminaristas.

MAIOR OFERTA ENTRE VARIOS FUNDOS OBTIDOS POR OUTRAS CENTRAIS

O encerramento tratou da formulação de um comunicado final do seminário, da leitura de uma mensagem por um seminarista, em nome dos colegas provenientes de diferentes locais de trabalho e escolhidos pelos comités de trabalhadores locais, e das intervenções de várias personalidades presentes.

Assim, o Secretário-Geral da UNTG, José Pereira, salientou a importância e os frutos que resultaram deste seminário em que a participação das centrais sindicais dos países vizinhos e nomeadamente da OUSA, representa um carácter significativo das relações entre os trabalhadores africanos e, por outro lado, realçou a contribuição dos trabalhadores da Guiné-Bissau na angariação de fundos para os seus companheiros em luta na Africa Austral. Essa contribuição foi o resultado de várias quotizações e receitas de manifestações culturais supervisionadas pela nossa central sindical, UNTG, desde o ano passado.

Uma iniciativa revolucionária e internacionalista foi essa a demonstração de consciência de um povo, saído de uma luta destruidora e que ainda continua a lutar com dificuldades económicas, para com outros povos irmãos vítimas da repressão e exploração racistas. Consta que é a maior soma obtida entre outras campanhas levadas a cabo noutros países africanos.

Abertura solene do ano escolar 78/79 será na Região de Oio

A cerimónia solene de abertura do novo ano lectivo de 1978/79 será efectuada na região de Oio, que foi a «Região Modelo» de 76/77, segundo anunciou o camarada Mário Cabral, Comissário de Estado da Educação Nacional, durante uma reunião, do Conselho Directivo do mesmo departamento, realizada anteontem a propósito do balanço do seminário nacional de quadros da Educação, realizado em Bula. Para o ano de 1979/80, a cerimónia ocorrerá na região de Cacheu.

Nessa reunião do Conselho Directivo, foram enumeradas e analisadas algumas conclusões do referido seminário, entre as quais, a aprovação unânime do documento-base para a ela-

boração do planeamento do ensino na Guiné-Bissau, no qual se definem o sistema nacional de ensino, sua estrutura, o estatuto orgânico, as leis vigentes e os planos de acção imediata. O documento tem 110 páginas e já foi distribuído aos delegados e participantes no seminário.

Foi confirmada a adopção de Calheu e da Escola Profissional de Brá como modelos para o ano lectivo de 1977/78, dado os resultados atingidos, por emulação, conforme o «Nô Pintcha» já noticiou na reportagem do encerramento do seminário de Bula.

No quadro do cumprimento da lei n.º 5 da Assembleia Nacional Popular, concluíram este ano a sua formação os 35 profes-

res primários vindos da luta, que vão constituir um reforço para o ensino no ano que vem.

Soube-se também que o Centro de Formação de Professores de C6 e a sua dependência em Bula, vão contar, para o próximo ano, com mais 50 novos estagiários num novo programa de dois anos. O curso anterior foi de três anos.

Ainda sobre esta questão, o Conselho Directivo do Comissariado da Educação foi informado que a FIEN, o primeiro organismo internacional a atribuir-nos bolsas de estudo para a formação de professores no interior do país, vai conceder mais 30 bolsas, além das 60 concedidas no ano lectivo findo.

Responde o Povo

É sindicalizado?

A Central Sindical — UNTG — organização de classe dos trabalhadores do nosso país tem vindo a desenvolver enormes esforços no sentido de unir cada vez mais trabalhadores no seu seio. A título de exemplo, citamos uma das principais tarefas que este órgão sindical levou a cabo há bem pouco tempo: a reestruturação dos seus comités de base nos locais de trabalho. Esses comités irão permitir aos trabalhadores não só terem sentido cada vez maior de responsabilidades nas tarefas que lhes são confiadas mas também acudir-lhes nos momentos difíceis e resolver certos desentendimentos que possam vir a surgir entre o patrão e o trabalhador ou entre os próprios trabalhadores.

«É sindicalizado? E porquê» foi a pergunta que fizemos neste nosso inquérito. Vejamos, pois, o que responderam os nossos inquiridos:

CHEGAMOS A PAGAR QUOTAS

Marcelino dos Santos, trabalhador da Socotram — Nos primeiros meses do ar-

ranque da fábrica onde trabalho (Socotram), todos os trabalhadores descontavam 8 por cento, quantia essa que era destinada à Central Sindical.

Pouco tempo depois, deixou de se fazer esse desconto. Soube depois que tal atitude tinha sido tomada devido à maior parte dos vencimentos do pessoal não suportar tais descontos. A partir daí nunca mais se falou no assunto. Fala-se agora numa reunião cuja realização está prevista para hoje, onde deverá ser discutido de novo esse problema. Caso se venha a realisar, é possível que alguém adira à sindicalização. Só que, até a data presente, não há um único trabalhador da Socotram sindicalizado, apesar dos descontos atrás citados.

Acho indispensável a sindicalização de um trabalha-

dor porque, para além de algumas regalias de que goza um trabalhador sindicalizado, que conheço superficialmente, por exemplo o direito a tratamento, a justiça quando há um desentendimento entre ele e o patrão, etc. Entendo que para se fazer face a esta fase de luta que atravessamos é preciso que nós os trabalhadores, estejamos agrupados numa organização sólida que nos dê sempre que necessário instruções em conformidade com o desenrolar do nosso processo de luta.

No respeitante à primeira conferência da nossa Central Sindical — UNTG — sou da

opinião que deverão participar nela todos os os trabalhadores, quer sejam sindicalizados ou não, a fim de que a discussão seja frutuosa, porque as decisões dela saídas terão como principal objectivo solidificar aquela organização que é como se sabe, nossa.

DESCONHEÇO SE SOU OU NÃO SINDICALIZADO

Almiro de Carvalho, técnico das telecomunicações — Desconheço por completo se sou ou não sindicalizado, visto que nunca ninguém me falou sobre este assunto no Comissariado onde trabalho. Aliás, desconheço até as condições

exigidas para a sindicalização de um trabalhador.

Considero, contudo, de transcendente importância a sindicalização dos trabalhadores, sobretudo nesta fase em atravessamos, não só pelo facto de poderem dispor de muito mais regalias, mas também porque todos os trabalhadores devem, sobretudo, ser conscientes deste momento difícil que atravessamos. Difícil mas sem as humilhações a que estávamos sujeitos durante a dominação colonial, para que possamos construir a nossa querida Guiné-Bissau na paz e na felicidade.

Primeiro Ministro lança campanha para plantação de meio milhão de árvores

A campanha de plantação de meio milhão de árvores nesta época iniciativa lançada pelo Primeiro-Ministro, comandante Pedro Pires atrai sobre si as atenções actualmente por ser a primeira iniciativa género a ter lugar em Cabo Verde.

O Primeiro-Ministro, á frente de todos os funcionários que trabalham em departamentos dependentes do seu gabinete partiu para Trindade para no dia 10 de manhã à tarde, dar continuidade á fixação das plantas postas à disposição pelo Ministério do Desenvolvimento Rural. A campanha de plantação de árvores em

todo o território Caboverdiano, começou desde o sábado o dia 9 quando caíram as primeiras chuvas em várias ilhas. Antes da sua partida para a Praia, o Primeiro-Ministro que nessa altura se encontrava de visita á ilha da Boa Vista, acompanhado da delegação que com ele visitava a ilha e dos nossos repórteres lançaram mão à enxada na plantação de árvores. Em Santiago já o Instituto Caboverdiano de Solidariedade começara a campanha em S. Jorge mobilizando a população local e sucessivamente a Juventude Africana Amílcar Cabral as Forças

Armadas as Milícias e a Polícia de Ordem Pública.

O ministério do Desenvolvimento Rural que vem mobilizando meios para levar a bom termo a campanha de fixação de árvores juntou no dia 6 os seus quadros técnicos e administrativos na zona de Trindade e nessa jornada fixaram duas mil árvores em Santiago, ainda nestes dias de início da campanha plantaram-se já cerca de 40 mil árvores.

A jornada que foi feita no dia 9 pelos funcionários dos departamentos dependentes do Primeiro Ministro que deveria ter tido lugar no

dia 5, não se realizou nesse dia por estar a chover e as estradas não oferecerem quaisquer condições de segurança para o transporte do pessoal e além disso o solo estava ensopado.

No domingo houve ainda em Santiago mais uma jornada de fixação de árvores, essa dirigida pelos militantes da Juventude Africana Amílcar Cabral. Infelizmente só temos informações da ilha de Santiago onde a campanha prosseguiu em várias localidades nomeadamente: Curralinho, S. Jorge, Serra da Malagueta, Achada Mosquito, Monte Vaca, Trindade e outras.



AMILCAR CABRAL

Boa Vista terá uma palavra a dizer no desenvolvimento da pesca em Cabo Verde

De 30 de Agosto a 3 de Setembro, o Primeiro-Ministro, camarada Pedro Pires visitou oficialmente a ilha de Boa Vista.

O acolhimento extraordinariamente entusiástico que as populações boavistenses de todos os cantos da ilha reservaram ao Chefe do Executivo caboverdiano, que pela primeira vez pisou as

areias daquela ilha, provam à sociedade quão desejada era a presença do Chefe do Governo entre as gentes de Boavistenses, de Sal-Rei à Cabeça dos Tarafes, do Rabil à Povoação Velha.

Falando num comício que se seguiu à sua chegada, Pedro Pires depois de manifestar satisfação em visitar Boa Vista, «de estar

aqui convosco» para «conhecer mais directamente a população e também conhecer localmente os problemas que mais afectam a gente de Boa Vista» — salientou «Se pode ver alguma justificação para o atraso da minha visita aqui, é pelo facto de termos vivido nesses três anos de independência sob pressão das dificuldades de desemprego de falta de chuvas etc., que exigia constantemente ao Governo soluções imediatas».

Continuando o Primeiro-Ministro, falava de uma lembrança de um Boa Vista de outrora de certo modo próspera economicamente. afirmou: — «dizemos de certo modo, pois podia-se então registar com crescimento económico ligado ao comércio, à exportação de sal, de cal, da purgeira, pelame, etc., mas estava-se de longe, bem longe, de se lançarem as premissas para uma vida digna às grandes massas trabalhadoras, ao povo da ilha, visto no seu conjunto».

Prosperidade sim, lá isso havia, mas para uma camada bem determinada, a dos comerciantes empreendedores, os Carvalhos e Benoniés que, mais tarde quando pouco podiam competir com outras entidades comerciais, escolheriam S. Vicente para exercer a sua actividade, tendo-se então escurecido a face «boa» da Boa Vista — comerciante de outrora.

Se o boavistense, às vezes, de maneira simplista se recorda do passado com nostalgia, talvez devido ao abandono colonial cujo peso aqui bem se sentiu, hoje, pelo contrário, parece generalizado o optimismo quanto ao futuro da ilha.

Aliás na sua alocação do

dia 30 em Sal-Rei, o Primeiro-Ministro acentuou justamente que a Boa Vista «é uma ilha com bastante futuro» — não obstante a sua pouca população.

É já tradição (e tradição que não se irá perder, obviamente) ver-se desenvolvimento da Boa Vista perspectivado em função do mar. Pedro Pires, que a ilha terá um papel particular na pesca, vista como um dos eixos fundamentais do, nosso desenvolvimento.

Mas nessa ilha de pescadores não se falou somente no mar, e o Primeiro-Ministro não foi avaro de palavras ao se referir a outros sectores, dos transportes marítimos, às ligações entre os povoados, passando pela agricultura neste Concelho (que só após a independência conseguiu ter um técnico agrícola especialmente destacado para os trabalhos desse domínio tão importante) e que mereceu que dissesse que: «a agricultura da Boa Vista mesmo, reduzida, não está condenada». E isto depois de copiosas chuvas terem caído em Boa Vista e de largas toneladas de água terem corrido pelo tão fadado vale da Ribeira do Rabil, alagando primorosamente os terrenos que dentro em breve, como diz o poeta, se tornará «verde abundante ante a firmeza respeitada dos gabiões» — que tanta admiração suscitaram nas gentes das povoações ribeirinhas. Era só a ver a alegria — menina aquosa, estampada nas faces de agricultores de Estância de Baixo, parados lá no alto, vendo a água barrenta correr disciplinadamente com o seu quê de quente fertilhada que os dias de chuva sugerem às narinas.

A prática revolucionária

3. SITUAÇÃO POLITICA

A experiência de alguns meses demonstrou-nos que a nossa Rádica Libertação, cujos programa melhoram todos os dias, é uma arma preciosa e que pode desempenhar um papel primordial na evolução da nossa luta. Este ano, as manobras demagógicas sofreram a sua principal derrota na demissão, em Dezembro, do Africano que ocupa o posto de secretário-geral do governo colonial, substituído por um europeu. Esta demissão significa a agonia das esperanças dos colonialistas portugueses em estabelecer progressivamente um governo local, pretensamente autónomo, integrando alguns quadros africanos com o fim de minar a nossa luta e obstruir o caminho da independência.

Além disso, certo chefes tradicionais e fiéis ao colonialismo, face a continuidade da luta e as baixas crescentes sofridas pelos colonialistas, não escondem a sua hesitação e descrédito chegando mesmo a entrar em conflitos com os seus patrões. Começam a dar-se conta da situação difícil que é a sua, cada vez mais abandonadas pelas populações que passam para o nosso lado ou procuram refúgio nos países vizinhos. A medida que a nossa luta se intensifica, os mercenários africanos ao serviço do exército português «os quais recebiam quinze escudos (meio dólar) por cada recrutamento tomam consciência das realidades e decidem juntar-se a nós. No decorrer de 1967, cinquenta e três soldados, dois cabos e um oficial africano, aderiram às nossas fileiras, número que é importante se tivermos em conta o facto de que a maior parte dos dois mil e quinhentos africanos alistados no exército colonial é apenas utilizada nos serviços auxiliares.

O nosso povo, que não esquecerá facilmente os malefícios do domínio colonial só pode espantar-se perante os benefícios da campanha psico-social. Este espanto transforma-se rapidamente em consciência aprofundada das realidades e a campanha que só convence os convenidos assegura ser uma propaganda a favor da nossa luta...

Eis por que se diz, em Bissau como em Bafatá ou noutros lados que logo que um compatriota é objecto de solicitude, de simpatia ou dos favores de um militar ou de um civil português, aceita estes actos de gentileza e de cortesia, mas não se cansa de repetir logo que se liberta do estrangeiro paternalista: «Djarama, PAIGC» (Obrigado PAIGC).

Se a derrota da acção política portuguesa é uma das consequências do êxito da nossa acção armada, e também o resultado, do trabalho político realizado pelos nossos militantes.

4. PERSPECTIVAS DA LUTA

Enquanto durar a pretensão portuguesa de dominar o nosso povo pela força devemos continuar a bater-nos corajosamente até á liquidação total deste domínio da Guiné e Cabo Verde.

Na base dos sucessos alcançados pela nossa luta em 1967, devemos:

Cheias no interior de Santiago

Um morto, casas que ruíram, estradas cortadas pela areia, pedras que desabaram das montanhas, árvores caídas, devido ao forte vento que se fez sentir e deslocações de areia, foram os resultados dos estragos provocados pelas chuvas que caíram em Santiago entre os dias 1 e 5 de Setembro.

Francisco Varela, solteiro, trabalhador de anos, residente em Godim, proximidades de S. Domingos, concelho da Praia, morreu no principio da tarde do dia 2 de Setembro, sábado, por ter sido arrastado das cheias da ribeira dessa localidade.

O acidente surgiu quando o rapaz tentava salvar um porco que se encontrava no meio da ribeira por onde as cheias iam, tendo sido surpreendido pelas águas no momento em que se preparava para fugir, após ter libertado o porco. Apesar das tentativas feitas, pela população, no sentido de o salvar foi humanamente impossível consegui-lo.

O corpo deste infeliz jovem — que morreu numa época de euforia — foi encontrado por volta das 5 horas numa localidade situada a 3 Km de Godim, no sítio denominado Banana.

CASAS MAL CONSTRUÍDAS DESABARAM COM AS CHUVAS

Entretanto, 12 pessoas ficaram desalojadas por ter caído a cobertura de colmos da casa em que habitavam, ficando 2 crianças feridas.

Na manhã chuvosa do dia 5, por volta das 12 horas, desabou uma casa na Ponta Chicharro, subúrbio da Praia, então habitada por Maria Gabriela de Pina, desempregada, solteira de 39 anos e os seus 11 filhos.

O vento e a chuva que se fizeram sentir nessa madrugada, por volta das 3 horas, aliadas á fragilidade do prédio resultante da má construção, foram as principais causas desse acidente que podia ter tido consequências fatais.

Aos gritos de socorro da infeliz família que se encontrava em perigo, a população ocorreu prestando ajuda e chamando o piquete da policia de serviço, que se deslocou imediatamente ao local do sinistro, retirando as pessoas e conduzindo-as ao hospital da Praia. Após terem recebido da praia.

Centro de Experimentação de Antula

— Um embrião da agricultura de amanhã

A Agricultura é o nó vital da nossa economia. A esmagadora maioria do nosso povo é camponesa. A nossa agricultura é ainda bastante pobre em meios materiais e técnicos, pois o colonialismo sempre obstou o seu desenvolvimento.

Antes da independência, a nossa produção agrícola estava baseada na monocultura de mancarra, imposta pelo sistema colonial através da obrigatoriedade do pagamento de imposto. Esta monocultura, criou-nos uma grande dependência do exterior no campo alimentar. Até hoje, sentimos os reflexos desse passado, mas, actualmente, tem havido um cuidado cada vez maior em alterar esta situação, através de um aumento da produção e da diversificação das culturas.

Com o intuito de informar os nossos leitores sobre o trabalho que neste momento está a ser feito para modernizar a nossa agricultura, fizemos uma reportagem no centro de experimentação e multiplicação das culturas e em dois campos de enquadramento familiar onde se faz a divulgação das técnicas estudadas.

Para isso, deslocamo-nos do Comissariado da Agricultura e Pecuária na companhia do camarada Mamadu Cassamá, responsável pelo projecto de rizicultura do Centro de Antula.

Depois dos avanços do caminho, chegamos ao campo da tabanca de Koió um dos dois campos onde se faz a divulgação. Ao sairmos do carro, ficamos deslumbrados com o panorama que se estendia na nossa frente. Viam-se canteiros de arrozais de bonito porte. Caminhamos entre os arrozais através de um carreiro que os dividia em várias parcelas. Parámos em frente de uma parcela e espriamos os olhos pela paisagem que se estendia até longe, podendo ver-se, na frente, o I-héu do Rei, à direita a cidade de Bissau, donde se podia distinguir o palácio do Governo e virando-nos para a nossa esquerda vimos o Cumeré.

DIVULGAÇÃO TÉCNICOS AGRÍCOLAS

Depois de deliciar-nos a vista, o camarada Mamadu começou por nos explicar que esta área tem o nome de Koió e é utilizado para

divulgação técnica, estando cada parcela entregue a uma família. Tem na totalidade, quatro hectares de terreno cultivado, que pertence à população, isto é, às famílias enquadradas, que são ao todo 24, cabendo a cada uma delas uma parcela com cerca de 1664 metros quadrados. No entanto, ao iniciar-se o trabalho, no ano passado, só uma família se juntou ao enquadramento, tendo uma área com menos de 100 metros quadrados. Através de um trabalho de mobilização, conseguiram aumentar o número de famílias e, para o futuro, espera-se aumentá-lo ainda mais.

Com o trabalho já desenvolvido, esperam que, num curto prazo tempo, os camponeses poderão fazer o trabalho sózinhos sem ajuda de técnicos. O camarada Mamadu afirmou, depois de uma pergunta nossa sobre as dificuldades que encontraram no trabalho realizado:

«Encontramos diversos problemas, um dos quais devido ao tipo de terreno, até então não aproveitado; podem até dizer-se que era um terreno virgem. Através de um trabalho de adubação, análise do solo, e ou-

vulgação das variedades de arroz e, ao mesmo tempo, darem na fertilização da terra. O trabalho da sementeira teve o seu início no dia 14 de Junho e terminou a 4 de Julho. Neste momento, começou-se a colheita duma variedade de arroz denominada 6044, é uma variedade que amadurece rapidamente. Outra espécie de arroz cultivada em Koió é o IR-442 que é bastante tardio a amadurecer, mas produz em maior quantidade.

Entre estas duas variedades, a diferença é bastante notória. O 6044, que se encontra numa das parcelas, é aberto e as suas folhas são estreitas, enquanto que o IR-442 é fechado e possui folhas mais largas.

Interrogado sobre se a ajuda só se limitava à população enquadrada, o camarada Mamadu respondeu-nos que o auxílio se expandia também aos camponeses não enquadrados que se encontram nas imediações.

«O PRODUTO DO TRABALHO E PARA NÓS»

No local onde decorria esta explicação encontravam-se alguns camponeses,



Um camponês com esperança no amanhã

três estudos científicos, conseguimos tornar o terreno fértil, de modo a produzir convenientemente. Também utilizamos insecticidas, no combate aos insectos e a várias doenças a que os nossos camponeses não ligam mas que, depois de se desenvolverem arrastam os trabalhos realizados. Neste sector não tivemos grandes problemas com os insectos.

O Estado pôs ao serviço a população camponesa, — continuou — técnicos para fazerem no seio dela a di-

enquadrados no projecto. Aproveitámos esses factos para falarmos com eles. Dirigimo-nos ao camponês, Zé Indi que demonstrando simplicidade, começou por nos informar que faz parte do Comité de tabanca. Perguntámos-lhe como se sentia no trabalho de enquadramento. Com desenvoltura retorquiu:

«Sinto-me perfeitamente bem nesta nova vida. Até porque fui um dos primeiros a ser enquadrados, isto é, vim ver se valia a pena.



Em Koió a colheita do 6044 uma das variedades

E como o trabalho decorria maravilhosamente bem, produzindo melhor, e além disso, compreendemos que o trabalho que fazíamos era para nós, decidi ficar e chamei outras pessoas para o trabalho». Estas foram as palavras de um homem que confiou no Estado e arriscou para ver como era. Foi com esta pequena conversa que a nossa visita à tabanca Koió terminou.

Seguimos novamente de carro para outra tabanca, a pouca distância de Koió. Este novo campo do centro de Antula tem mais hectares do que o de Koió. Durante o percurso, vimos de um e doutro lado da estrada bolanhas onde se está a fazer a transplantação do arroz, enquanto que em Koió já se está no duro trabalho da colheita.

Chegados a Antula, deparamos com parcelas diferentes das que encontramos em Koió. O camarada Mamadu recomeçou a sua explicação, dizendo-nos que as parcelas, no seu conjunto, ocupam seis hectares e meio

porque o objectivo do seu trabalho é de instruir o povo.

Como estávamos curiosos em saber qual é a espécie de arroz que estava numa parcela à nossa frente, o camarada Mamadu informou-nos;

«Esta parcela é irrigada por água bastante salgada, e por isso mesmo foi cultivada aqui uma espécie chamada Rocksing. Esta variedade é muito resistente ao sal. O Rocksing é diferente da IR-442, que foi cultivada nesta mesma parcela no ano passado, e que morreu devido à acção do sal».

Ainda nos informou de que, no centro de estudos que fica ao lado desta parcela, se produzem várias espécies de arroz. As sementes obtidas depois da multiplicação são distribuídas pela população. A população, por sua vez, quando faz a sua colheita, devolve a quantidade que recebera, conforme a quantidade de arroz colhido.

Depois de sairmos das parcelas de Antula, desembocamos no Centro de experimentação e multiplicação. Este centro fica muito próximo dos arrozais de Antula.

Neste centro, vimos pessoas a enxotar os passáros. Uns com gritos outros utilizando a arma típica que é o «lamparan». Logo à entrada, vimos as já familiares parcelas, dum e doutro lado do caminho feito especialmente para as pessoas transitarem, mas por onde um carro também pode passar.

O camarada Mamadu Cassamá explicou-nos que este centro é do Estado e possui quatro hectares e meio devidos ao meio. Dois e meio dos quatro hectares são destinados à multiplicação, estando situados à entrada do Centro. Com a multiplicação, o Estado pretende aumentar a produção das variedades estudadas, com a intenção de dar apoio camponeses, fornecendo-lhes as sementes para aumentarem a qualidade das suas culturas e, desenvolvendo deste modo a nossa agricultura. Por este meio, o nosso Estado divulga as culturas e os métodos ensaiados.

Instituto Nacional de Cinema

Um longo caminho

Criado em Fevereiro de 1973, sob a tutela do Conselho Nacional de Cultura, o Instituto Nacional de Cinema chamou desde logo a si duas tarefas de grande responsabilidade. No primeiro lugar, como funciona a única escola de cinema do país, formada em elementos que deram os seus primeiros passos no trabalho ainda durante a luta de libertação nacional. A essa espinhosa tarefa acresce ainda a de seleccionar e garantir a importação e distribuição de todos os filmes que chegam bem nas salas da capital do interior.

Tratando-se de acções descomulgadas com que o público constante e estreitamente em contacto, são abalados pelas críticas que chegam sobre o núcleo de actividades do Instituto Nacional de Cinema. Sobre a produção de filmes, a mais frequente é a escassa e, para mais, a sua exibição gera muito tardia em alguns momentos de ausência de qualidade a que se refere a selecção e importação de filmes, as críticas são da mais numerosas e pacientes. Desde o Instituto começou a funcionar sob a égide do Conselho Nacional de Cultura que se espera — gerente, ignorando as condições impostas ao trabalho do I.N.C. — que a qualidade dos filmes exibidos giste uma acentuada melhoria. Infelizmente, rem algumas dessas cas, foram-se os filmes karaté (e em boa hora foram...) mas ficaram cowboyadas, os filmes gangsters, os «tristes» e outros estripados. Ter-se-á progredido? Se era alienante o espectáculo de violência gidos «karatecas» oriundo será mais formativo o espectáculo da violência gratuita dos pistoleiros «bons» ou os «maus» dos «vingadores» ma-

onal de Cinema: aminho a percorrer

menos sanguinários «made in USA».

Foi para encontrar as respostas a algumas destas perguntas que procuramos estabelecer uma conversa informal com alguns dos camaradas do Instituto Nacional de Cinema. Ao fim de várias tentativas conseguimos que um dos sete elementos da equipa, o camarada Djalma Fettermann, cineasta brasileiro que, há já alguns anos, se encontra a trabalhar entre nós, nos disse as suas opiniões.

FILMES «NA GAVETA»

«N. P.» — Desde a formação da vossa equipa, quase não se tem visto nada do vosso trabalho. Cremos que vocês têm material na loja. Quando o poderemos ver?

Cam. Djalma — Nós temos, neste momento, uma equipa com razoável formação técnica, e material de filmagens de boa qualidade. Com isto, temos realizado, além do «Regresso de Cabral», que já foi exibido e dum filme sobre a nacionalização da banca, outras curtas e médias metragens, como um filme sobre as mulheres da Guiné, e um documentário sobre o III Congresso do PAIGC. Paralelamente a esses trabalhos, de maior fôlego, filmamos normalmente as cerimónias oficiais mais significativas, as chegadas e partidas de dirigentes do Partido e Estado e de visitantes estrangeiros, material que nos possibilitaria a produção de jornais de actualidades cinematográficas, se dispusessemos de condições técnicas para utilizar a sua produção em curto espaço de tempo.

«N. P.» — Pois é justamente aí que queremos chegar. Alguns dos filmes que referiram foram realizados há já muitos meses ou mesmo anos. Por onde andam, os que não vemos?

Cam. D. — Acontece que não temos possibilidades técnicas para revelar cá os nossos filmes. A revelação, e em alguns casos, a montagem, tem que ser feita no estrangeiro, o que nos obriga a enormes perdas de tempo, e dispêndio de divisas. Até há algum tempo atrás, dispunhamos duma verba da SIDA para a execução desse trabalho, que, geralmente, mandávamos fazer na Suécia. Neste momento, essa verba está esgotada, mas temos esperança de que, no próximo ano, ela possa vir a ser reforçada. Assim, temos mandado o material para revelação em Portugal, na Itália e noutros países, enfim, onde no momento parece dar mais jeito. Infelizmente, já aconteceu que o material enviado se perde, e nunca mais o vemos, nem revelado nem por revelar. Foi o que aconteceu com o filme sobre a nacionalização do banco. Filmamo-lo cá, enviámos o negativo para a Suécia, recebemo-lo revelado, fizemos a montagem e, quando o enviamos de volta para a Suécia para ser executada a cópia definitiva, perdeu-se no caminho...

«N. P.» — Mas, então, ainda existe o negativo original, na Suécia...

Cam. D. — Claro, mas isso obriga-nos a fazer o trabalho de montagem de novo, a partir de um exemplar de filme também novo. Só que, as divisas de que dispunhamos para isso já acabaram... Outros filmes estão ainda por revelar pelo mesmo motivo.

No entanto, esperamos poder dispôr, em breve, de material próprio para revelação de filmes a preto e branco. Como já temos uma boa mesa de montagem, poderemos então produzir integralmente a maioria dos nossos filmes. Será um decisivo passo em frente no nosso trabalho.

Contámos também com vários estágios de aperfeiçoamento dos nossos elementos em Cuba e em Itália, no campo da montagem e do som.



Regresso de Amílcar Cabral, um dos filmes do C.N.C.

«COW-BOYADAS» OU FILMES DE MUSEU: NÃO HAVERÁ ALTERNATIVA?

«N. P.» — Passemos agora à política de importação de filmes. Cremos poder reconhecer que houve um ligeiro aumento de qualidade nos filmes exibidos desde há alguns meses atrás. Só que essa melhoria foi mesmo mais ligeira do que se esperava... Já não temos o Karaté, mas temos outros filmes de violência gratuita que não lhes ficam atrás.

Cam. D. — Acho que algumas dessas críticas são exageradas, e mesmo injustas. Dum modo geral, os filmes que temos trazido são de um nível de qualidade bastante razoável. Outros haverá que são mais fracos, ou mesmo maus, mas são uma minoria. Por outro lado, não podemos meter todos os filmes de cow-boys, por exemplo, no mesmo saco. Há westerns que são clássicos do cinema, filmes de qualidade. Acontece que não podemos fazer uma selecção muito exigente, e apresentar só filmes que considerámos bons, se o público não está preparado para os apreciar, e as salas ficam vazias.

«N. P.» — Parece-nos um bocado discutível essa ideia de que o público só gosta de filmes medíocres e rejeita os bons. Há talvez aí lugar para toda uma discussão sobre o que são bons e maus filmes. Um filme que não estabeleça uma verdadeira comunicação com o público, que não o atraia, até pelo entretenimento que proporciona, talvez não seja um bom filme, mesmo

que tenha doses industriais de cultura e de grandes ideias políticas...

Cam. D. — Não se trata disso. Temos, por exemplo, os filmes dos irmãos Marx, que são clássicos do cinema de valor incontestável, e ao mesmo tempo são cómicos, não são pesados nem pretenciosos. Pois o público não gostou. Temos «O coraçado Potemkine», que, da primeira vez que foi exibido foi mesmo muito mal recebido...

«N. P.» — Talvez estejam aí dois exemplos do que podemos chamar, sem desprezo pela importância que tiveram na sua época e que mantém ainda hoje, de filmes «de museu». Muito interessantes para cineclubistas que já viram muito cinema, e que se deleitam com os antepassados do cinema actual. Mas, para um público quase «virgem», que só conhece os filmes de aventuras, narrados com uma técnica de comunicação muito mais aperfeiçoada, esses filmes são, muito compreensivelmente, considerados «chatos» e mal feitos. Então quando são mudos... O camarada acha que na produção cinematográfica moderna não há nada que valha a pena?

A DISTRIBUIÇÃO MONOPOLIZADA

Cam. D. — Aí entrámos noutro problema. Nem sempre conseguimos ter cá os filmes que queremos. Nestas últimas semanas, por exemplo, temos estar a repôr filmes já exibidos, porque os novos ainda não chegaram. Somos obrigados a recorrer em exclusivo às distribuidoras portuguesas,

● Entrevista com Djalma Fettermann, realizador e responsável pela importação de filmes

pois os filmes têm que vir legendados, e não podemos sequer pensar em sermos nós a pagar esse trabalho. Essas distribuidoras enviam-nos as listas dos filmes de que dispõem, a maioria dos quais estão muito abaixo da qualidade

que desejaríamos. Para exibirmos, durante todo o ano, três filmes por semana em Bissau, temos que trazer o mau e o bom. Para mais, há filmes que pedimos e que nos são recusados, porque a distribuidora já os comprometeu para um longo período. Outro problema é o do preço. Normalmente, o aluguer de um filme ficamos por 7 ou 8 contos. Mas já tem acontecido que nos pedem 50 contos por um só filme. Ora, o circuito de distribuição do nosso país não pode comportar um preço desses. Ultimamente apareceram dois ou três filmes perfeitamente execráveis, que nós nunca tínhamos pedido. Simplesmente, em vez dos que pedíamos, a distribuidora mandou-nos esses «monos». Que fazer, ou exibíamos esses filmes, ou não exibíamos nada. Duma maneira ou doutra, havíamos de ser criticados.

OPTAR ENTRE A BILHETEIRA E A QUALIDADE

«N. P.» — Tem havido tentativas de importar filmes do Brasil, por exemplo, para aumentar a nossa possibilidade de escolha?

D. — Do Brasil, a importação ficar-nos-ia muito cara, por causa do transporte. — Mas logo que conseguimos alargar o circuito de distribuição, contámos receber filmes também do Brasil.

«N. P.» — Se se esboçasse uma distribuição comum a todos os países africanos de língua portuguesa, a capacidade de compra aumentaria na mesma proporção...

D. — Isso é verdade, e já estamos a trabalhar para a constituição duma distribuidora comum à Guiné e a Cabo Verde, que deverá começar a funcionar muito em breve. Assim, cada filme importado seria exibido

num número muito maior de salas, o que aumentaria a sua rentabilidade.

«N. P.» — Por falar em número de salas de exibição: aqui em Bissau, das quatro salas existentes, só a da UDIB funciona. A da Ajuda, só exhibe filmes de longe a longe. A do Ancar e a do III Congresso — que se previa vir a ser utilizada para esse fim — continuam sem cinema. No interior, a situação ainda é pior. Embora isto não esteja directamente dentro das vossas atribuições, não acha que uma política de promoção cultural através do cinema terá que o ter em conta?

D. — Como disseram, isso não está nas nossas mãos. Acontece que, pelo facto de as salas serem exploradas por clubes, e não directamente por alguma instituição cultural de âmbito nacional, cria uma contradição entre as exigências de qualidade e as exigências de bilheteira. A médio prazo, havemos de solucionar este problema.

Já com a sala do III Congresso, o caso é outro. Estão em curso as obras que permitirão a sua utilização como sala de exibição de filmes. Pensámos mesmo constituir aí uma cinematoteca, onde só exibiremos filmes de qualidade, o que nos permitirá ir formando, a pouco e pouco, um público mais exigente. Poderemos exibir aí os nossos próprios filmes, rodados em 16 mm, o que actualmente é difícil porque poucas salas têm material de projecção adequado. A concretização destes objectivos permitir-nos-á levar à prática as directivas do Conselho Nacional de Cultura, na linha das Resoluções do III Congresso do PAIGC: fazer do cinema um instrumento da formação política, ideológica e cultural das massas.

Como vêem, não estamos parados. Não andamos tão depressa como queremos, nem como o público, muito justamente, desejaria, mas andamos tão depressa quanto podemos. E parece-nos que as perspectivas são boas. Que venham as críticas, mas críticas que não ignorem as nossas realidades, e serão bem-vindas.

"Torneio 24 de Setembro" de ténis

— A Unidade também passa pelo desporto

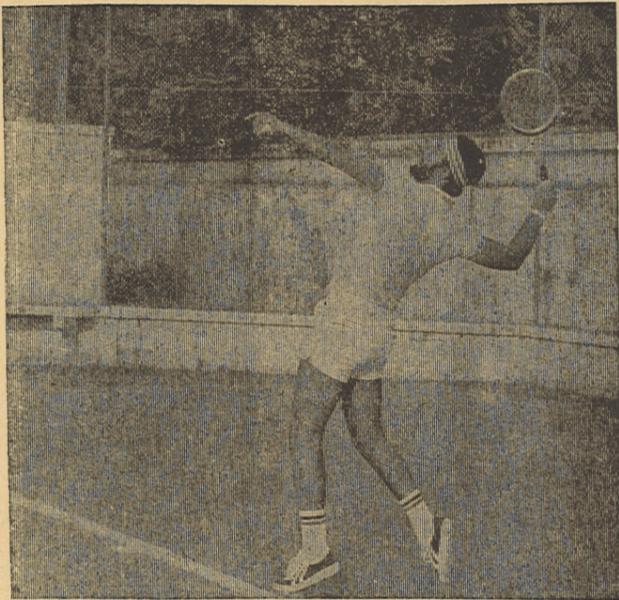
Realizou-se de sábado a segunda-feira passada, o «Torneio 24 de Setembro» de ténis, organizado pelo Conselho Superior dos Desportos, em comemoração do 5.º aniversário da proclamação do Estado da Guiné-Bissau. Neste torneio tomaram parte as selecções de Bissau e da Praia (Cabo Verde). Esta última saiu vencedora nos jogos de singulares, tendo os guineenses ganho praticamente todos os encontros de pares, que ficaram suspensos a escasos minutos do fim, por falta de visibilidade.

Este torneio realizou-se sob a supervisão do mestre Nuna, e teve como colaboradores o camarada João Carreiro antigo profissional de ténis, que arbitrou os jogos, e os alunos da Escola Central de Lawn Tennis, que serviram de fiscais de linha. É de realçar que uma assistência razoável encheu o campo de ténis anexo ao complexo desportivo do Estádio Lino Correia. Alguns responsáveis do nosso Partido e Estado, destacando-se os camaradas Otto Schacht do CEL do Partido e Avito da Silva, presidente da Federação Nacional, de Futebol, assim como o público em geral, seguiram atentamente a evolução do torneio.

A caravana desportiva de Cabo Verde, que deixou Bissau na quarta-feira de manhã, era composta dos seguintes camaradas: Jorge Sinais, dirigente desportivo caboverdiano, e desportista bem conhecido, (Celestino Almeida Didi), dirigente do Clube de Ténis da Praia e

capitão da equipa, e os jogadores Manuel Cardoso, Daniel Almeida e Fernando Santos.

A selecção da Praia conquistou merecidamente o troféu consagrado aos jogos singulares. A selecção de Bissau, que ganhou o primeiro jogo de pares, e do-



Toni Marques, um dos componentes da selecção de Bissau, ganhou com Valdemar o 2.º jogo de pares

minou em noventa por cento o segundo jogo, decidiu que fosse atribuída a taça de pares aos caboverdianos, como prémio simbólico, devido à sua inteira colaboração para que este torneio tivesse sucessos. A decisão foi aplaudida, e as taças foram entregues ao camarada Didi pelo árbitro João Carreiro. Este torneio foi mais um passo para o reforço da Unidade da Guiné e Cabo

Verde, no campo desportivo.

OPINIÕES:

— AS VITÓRIAS NÃO FORAM FÁCEIS... — PODIAMOS FAZER MELHOR...

No final deste torneio de ténis, escutámos as opiniões

melhores, tecnicamente, emquanto que a supermacia dos caboverdianos nos jogos de singulares se deveu a sua melhor rodagem. Aliás, como observaram mesmo alguns jogadores e o professor Nuna, esta derrota vai-nos servir de lição, porque não é nas vésperas dos torneios que se devem começar os treinos. O camarada Nuna apontou ainda certas precipitações na conduta desportiva dos tenistas, neste torneio, sobretudo da parte dos mais jovens, factos que ainda são desculpáveis.

O camarada João Carreiro, como juiz principal deste torneio, tinha também algumas palavras a dizer. Quanto ao aspecto disciplinar dos jogos, considerou que ambas as selecções tiveram um comportamento correcto, e acrescentou que, «para mais o ténis é uma modalidade que requer, como factor primordial, a boa educação».

Por outro lado, João Carreiro achou que, se os tenistas guineenses tivessem dedicado maior atenção aos treinos de preparação, os resultados ser-lhes-iam menos desvantajosos.

O TÊNIS É UM DESPORTO MUITO DELICADO

O público que teve oportunidade de assistir a este primeiro grande torneio de ténis após o reinício da prática da modalidade, pôde apreciar factos curiosos, que estão intimamente ligados a este jogo, muito delicado. Um caso impressionante é o comportamento do seu público: este deve assistir ao jogo no mais profundo silêncio, podendo manifestar-se só no momento em que se verifica uma pontuação deste ou daquele jogador. Isto é para permitir a necessária concentração dos próprios jogadores.

O ténis é um desporto para todas as idades, pois pode ser praticado dos 8 aos 80 anos de idade. A prova evidente disto foi o desafio deste que pôs frente à frente o jovem Toni Marques e o camarada Jorge Sinais, de 52 anos. Apesar da grande dificuldade de idade, Jorge Sinais ganhou o desafio.

Outro factor primordial no ténis é a boa educação, como atrás referiu o camarada Carreiro. A mais pequena irregularidade, um jogador apressa-se a pedir desculpas ao adversário. Este exemplo de camaradagem e desportivismo devia ser seguida restantes modalidades, mais concretamente no futebol.

Atletismo no encerramento dos seminários de educação física

O Comissariado de Estado da Educação Nacional, através do seu Departamento de actividades políticas e extra-escolares, e a Secção de Educação Física e Desporto organizaram dois seminários de educação física, respectivamente para professores do primeiro ciclo do ensino básico e para os da educação física e desporto dos outros níveis.

Estes seminários, cujos principais objectivos são os de pôr na prática durante o próximo ano lectivo o novo programa de educação física e desporto, encerram hoje com o seguinte programa:

Esta manhã, pelas 10 horas, realizou-se no Conselho Directivo do C.E.E.N., a reunião do encerramento, onde o director do curso fez

um relatório de toda as actividades realizadas. Seguiu-se uma palestra sobre o desporto, tendo por tema a «a educação física e desporto na formação da juventude».

As 16 horas, está prevista a realização de um torneio de atletismo no Estádio «Lino Correia», com as seguintes modalidades — 100 metros planos; meio fundo — 1500 metros e 3 mil metros; estafeta — 4 x 100 metros; salto em altura; salto em cumprimento; tríplo salto, arremesso do peso, lançamento do disco e lançamento do dardo.

Por último, realizar-se-ão pelas 21 horas, no campo de Banco Nacional, jogos basquete e voley, entre os professores de educação física e desportos.

Internacional

Campeonato Mundial de basquetebol

CAMPEONATO DO MUNDO DE BASQUETEBOL

MANILA — O oitavo campeonato do mundo de basquetebol masculino, que terá lugar de 1 a 14 de próximo mês de Outubro nas Filipinas, nos Estádios «Araneta Coliseum», com 25 mil lugares e «Rizal Stadium» com 10 mil lugares, decorrerá nos seguintes moldes: grupo A: Jugoslávia, Senegal, Canadá e Coreia do Sul. Grupo B: Brasil, China, Porto-Rico e Itália. Grupo C: Estados Unidos, República Dominicana, Austria e Tchecoslováquia. A URSS, detentora do título e as Filipinas, país organizador, estão qualificadas para as meias finais.

O troféu deste torneio será entregue na dia 14 do mesmo mês, em Manila.

TENIS

LOS ANGELES — Arthur Ashe venceu na passada segunda-feira, a final de singulares do torneio de ténis de Los Angeles (Califórnia) ao bater o finalista da série 10 Brian Gotteried, por 6/2 e 6/4.

Em pares masculinos, os australianos Jonh Alexander e Phil Dent venceram a final, ao derrotarem Raul Ramirez (México) e Fred Mcnair (Estados Unidos) por 6/3 e 7/6.

BJORN BORG DERROTADO POR JIMMY CONNORS

BUENOS AIRES — O americano Jimmy Connors derrotou na final do torneio quadrangular de ténis realizado em Buenos Aires, o sueco Bjorn Borg, por 5/0, 6/3 e 6/3.

O terceiro lugar daquele torneio foi ocupado pelo romeno Ilie Nastase, ao vencer o argentino José Luis Clerc por 6/7, 6/3 e 6/1.

Anúncio

Agradecimento

Maria Virginia Bernardino Santos Monteiro Barreto Cora e filhos, na impossibilidade de o fazerem pessoalmente, vêm por este meio agradecer a todos os amigos, e em especial o Dr.

Hector, que os acompanham, na sua dor quando do falecimento do seu saudoso marido e pai, António Barreto Costa, ocorrido em 27 de Agosto último.

Farmacias

HOJE — «HIGIENE»

AMANHÃ — «FARMEDI N.º 1»

SEGUNDA-FEIRA — «MODERNA»

Cinema

HOJE dia 30 a 5 de Outubro Semana de Fimes Chineses.

Telefones

Bombeiros Voluntários — 2222.

POLICIA; 1.º Esquadra 3888 — 2.º Esquadra — 3444. CORREIOS; — Informação 2600 — Radiodifusão Nacional 2430 — Aeroporto /4 — TAP 3991/3 — LIA 3004 — Aeroflot 2707 — Air Argelie 3775/7.

Chegadas e partidas de navios — 2922/5.

COMPANHIA DE ELECTRICIDADE E AGUAS Gabinete do Director e Serviços Administrativos — Telefone 2411; fone 2414 (7 à 1h).

Brigada da Assistência aos Consumidores — Telefone 16.30 horas — Desafio de pares. fone 2414 (7 à 1h).

Ratsiraka denuncia operação mercenária contra Madagascar

PARIS — «Uma operação do género Entebe destinada a libertar dois sul-africanos detidos em Antananarivo» foi descoberta em meados de Setembro no Madagascar, revelou na quinta-feira o presidente Didier Ratsiraka, em Paris, numa reunião com a imprensa.

O presidente malgache visitou a capital francesa durante alguns dias antes de voar, anteontem, para Bucareste.

Interrogado sobre o estado de alerta das forças armadas malgaches decretado a 16 de Setembro, Ratsiraka declarou que durante a sua estadia na Coreia do Norte (de 6 a 21 de Setembro) as autoridades malgaches tinham sido prevenidas de uma operação empregando importantes meios aéreos e marítimos estava em curso

com o objectivo de «libertar os dois sul-africanos, condenados em Março passado a cinco anos de prisão por atentado à segurança interna do Estado e por violação do espaço aéreo malgache».

Fazendo referência à operação Entebe (Julho de 1976) quando paraquedistas israelitas violaram a soberania ugandesa para retomar 50 reféns que se encontravam nas mãos de um comando palestino, o presidente Ratsiraka indicou que três aviões de transporte e dois aparelhos supersónicos tinham sobrevoado a grande ilha, enquanto que vários barcos e submarinos sulcavam as águas territoriais malgaches ao largo de Diego Suarez e Tamatave (nordeste do Madagascar). — (FP)

Em protesto contra a repressão demitiu-se o representante da Nicarágua na ONU

NOVA YORK, 29 — Como sinal de protesto contra a repressão e os actos de arbitrariedade do regime de Somoza, o representante permanente da Nicarágua na ONU, Henrique Pauagua Fernandez, demitiu-se do seu posto e enviou ao presidente da 33.ª Sessão da Assembleia Geral da ONU

uma carta dizendo:

«Acuso a ditadura corrupta e sangrenta de exterminar deliberadamente os habitantes de Masai, Leon, Chinandaga, Jinotepe, Ste.i, e outras cidades. Acuso os que levaram este regime ao poder e que o mantêm dando-lhe armas e ajuda económica. — (TASS)

Jibouti sem governo

JIBOUTI, 28 — Depois da decisão do presidente de Jibouti, Hassan Gouled, de dissolver o governo, anunciada no dia 1 de Setembro, nenhum comunicado oficial foi publicado até agora sobre composição do próximo gabinete.

De qualquer forma, o número de ministros que era de 16 no anterior governo, será, segundo uma fonte digna de crédito, reduzida, a adaptar a estrutura governamental às actividades económicas da nação.

A população e os ministros do governo demitidos foram apanhados de surpresa quando o presidente Gouled anunciou no fim do Conselho de ministros na quinta-feira passada a cessação das funções dos membros do seu governo, apesar de a terem evocado no seu discurso por ocasião da festa muçulmana, 5 de Se-

tembro último e a reorganização do seu governo.

O presidente Gouled, na qualidade de chefe de governo deve anunciar a qualquer momento a composição da nova equipe dirigente. — (FP)

Kartum e Addis-Abeba melhoram as suas relações

ADDIS-ABEBA, 29 — Os governos da Etiópia e do Sudão esforçam-se por encontrar uma forma propícia para o melhoramento das suas relações e para a solução dos problemas bilaterais em suspenso, no espírito das relações de boa vizinhança e do Não-Alinhamento, precisaram os meios diplomáticos de Addis-Abeba.

Quarto Congresso da Polisário mantém o cessar-fogo na Mauritânia

TINDOUF, 29 — O quarto congresso da Frente Polisário, instância suprema da organização, decidiu manter o cessar-fogo na Mauritânia, decretado a 12 de Julho, a seguir à queda do presidente mauritaniano Moktar Ould Daddah.

O congresso da Polisário, que começou no dia 25 do corrente nos territórios libertados do Sahara Ocidental, anunciou num manifesto político as três condições que, na sua opinião, devem ser preenchidas pelo novo governo mauritaniano a fim de «rever a política de alta traição do antigo regime de Nouakchott».

Estas condições são «o reconhecimento da soberania da República Árabe Saharaoui Democrática»

(RASD), proclamada em Fevereiro de 1976, nas suas fronteiras internacionalmente reconhecidas e o respeito da sua integridade territorial», «a restituição da parte ocupada pela Mauritânia» e o «regresso das forças mauritanianas às suas fronteiras de 1960».

APOIO DA LÍBIA

O manifesto político do congresso da Frente Polisário proclama finalmente que toda a solução do problema do Sahara Ocidental deve ser baseada no direito do povo saharoui à autodeterminação, à independência e à soberania.

O secretário permanente do Congresso Geral do Povo Árabe da Líbia enviou um telegrama de apoio ao quarto congresso da Poli-

sário no qual declara apoiar a sua luta e afirma a necessidade da retirada das forças marroquinas, «instrumento ao serviço da política reaccionária e imperialista».

Por seu lado, o diário madrileno «El País» afirmou anteontem que a abertura oficial de uma representação da Frente Polisário em Madrid e a possibilidade de uma mediação da união do Centro Democrático (partido governamental espanhol) entre as partes interessadas no conflito do Sahara, são os resultados concretos da recente visita do sub-secretário para as relações externas da UCD, Javier Ruperez à Argélia e ao quarto congresso da Frente Polisário. — (FP)

Mauritânia: sair do marasmo económico

NOUAKCHOTT — A situação económica e financeira da Mauritânia caracteriza-se, em 1978, por uma dívida externa de 750 milhões de dólares, e por um défice da balança de pagamentos na ordem dos 80 milhões de dólares.

Expondo, perante a imprensa o «marasmo económico» tal como ele se apresentava a 10 de Julho deste ano, dia do derrube do presidente Moktar Ould Daddah, o ministro das Finanças e do Comércio, Sid Ahmed Ould Bneiara afirmou que ela se concretizara pela «degradação constante» do sector rural. Foi assim, explicou, que a produção rural representou em 1978, 20 por cento do produto interno bruto (PIB) contra 60 por cento nos anos 60. Bneiara sublinhou que esta diminuição tinha sido

parcialmente provocada pela seca «mas também pela negligência das autoridades apesar de proclamarem a prioridade absoluta do sector rural».

Bneiara indicou, por outro lado, que entre 1973 e 1978, a Mauritânia beneficiara de uma ajuda global dos países árabes de cerca de 80 milhões de dólares. «O desastre da economia nacional e a queda do presidente Ould Daddah explicam-se, declarou, pelo facto de que esta soma em vez de ser utilizada racionalmente, foi gasta em projectos de desenvolvimento que falharam, devido à inexistência de um estudo aprofundado prévio». O ministro das Finanças e do Comércio sublinhou, por outro lado, que para aumentar «as suas receitas, o antigo regime aplicava impos-

tos excessivos cuja proporção, atingia 30 por cento do salário». Indicou igualmente que logo após o 10 de Julho, o montante em divisas no Banco Central da Mauritânia (BCM) não ultrapassava os 20 milhões de dólares, «só esta que não chegava para cobrir as necessidades mensais do país em importações».

Face a esta situação, um plano de reajustamento acaba de ser aprovado pelo Conselho de ministros, que visa essencialmente aligeirar o défice da balança de pagamentos e permitir um excedente a partir do qual, «prevemos, precisou Bneiara, que necessitamos de um prazo mínimo de 30 anos, com taxas de juro não superiores a 20 por cento para conseguir ultrapassar o conjunto das nossas dívidas».

Desacordos marcaram a 33.ª sessão do FMI e do BIRD

WASHINGTON, 29 — A 33.ª sessão anual do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Internacional para a Reconstrução e Desenvolvimento terminou os seus trabalhos em Washington. A sessão foi marcada pelo desacordo entre os participantes.

Os delegados de 135 países limitaram-se a fazer uma declaração sobre a necessidade de uma estratégia combinada, para resolver os problemas urgentes da economia capitalista mundial, tais como a estagnação económica e as brutais flutuações ocidentais. — (TASS).

KHARTUM — O Conselho Central da Frente de Libertação do Povo Eritreu decidiu unânimemente apoiar os esforços feitos para unir as fileiras revolucionárias eritreias e para negociar com a Etiópia conforme a iniciativa sudanesa para uma solução pacífica do problema eritreu. O Conselho reuniu-se de 15 a 25 de Setembro.

59 ADVOGADOS EXCLUÍDOS NA TUNÍSIA

TUNIS — O tribunal supremo do Estado, excluiu na quarta-feira 59 dos 76 advogados que asseguram a defesa dos dirigentes da União Geral dos Trabalhadores Tunisinos. A jurisdição de excepção tomou esta decisão após um incidente que opôs, na manhã de quinta-feira, a defesa e o presidente do tribunal. Um Achour, antigo secretário geral da UGTT, retirou-se da sala após uma viva discussão com o presidente do tribunal. Os cerca de 70 advogados retiraram-se logo de seguida da sala de audiências, em sinal de solidariedade com o seu colega. — (FP)

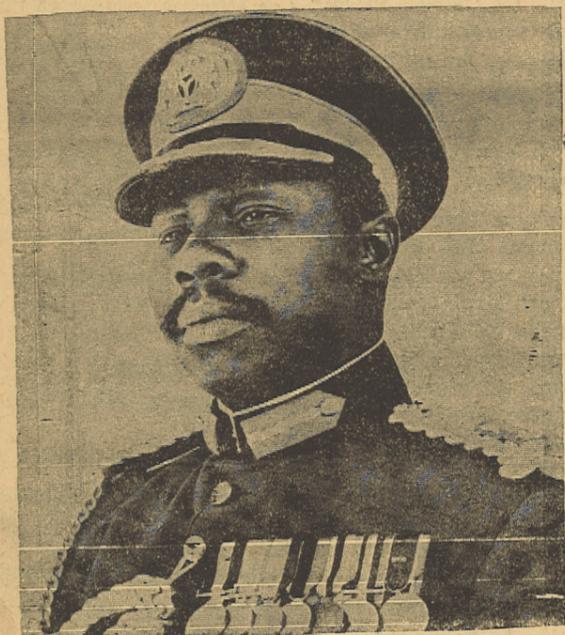
UNIÃO DAS RÁDIOS ARABES

RYAD — A assembleia geral da União das Rádios Árabes terminou na terça-feira os seus trabalhos com a adopção de várias recomendações. Ela aprovou, nomeadamente, uma proposta do Qatar sobre o reforço da rádio mauritaniana, um memorando da Síria relativo ao apoio à rádio palestina e um memorando do conselho de administração da união, sobre uma ajuda financeira a conceder à rádio somaliense. A assembleia geral decidiu por outro lado, admitir Djibuti na qualidade de membro activo da União.

ISLAMISAÇÃO DAS LEIS NO PAQUISTÃO

ISLAMABAD — Marouf Dwalbi, conselheiro político do rei Khaled da Arábia Saudita encontra-se em Islamabad a convite do general Zia Ul Haq, presidente paquistanês, a fim de ajudar na islamização das leis no Paquistão. Num discurso pronunciado à sua chegada, Dwalbi apreciou a decisão paquistanesa de estabelecer plenamente a ordem islâmica no país.

A Nigéria um dos maiores Estados africanos Tornou-se independente há 18 anos



General Olusegun Obasanjo

A República Federativa da Nigéria completa amanhã 18 anos de existência. Com efeito foi a 1 de Outubro de 1960 que este estado africano, tornou-se independente dentro da comunidade britânica. Desde a data até ao presente a Nigéria, um país formado por 19 estados conseguiu grandes realizações no domínio económico: 45 por cento de produto nacional bruto vêm da agricultura. É o maior produtor mundial de mancarra e de óleo de palmeira, o segundo produtor mundial de cacau e importante produtor de borracha, algodão e petróleo.

O país ocupa 923 768 km² e tem uma população de 61 270 000 habitantes em

1974. Actualmente assiste-se na Nigéria a um processo de democratização e ao retorno ao sistema civil, tendo sido permitido a formação de partidos políticos. interdição de actividades políticas que vigorava no país há 12 anos (desde 1966, quatro meses depois do golpe de Estado militar que se seguiu à independência).

Foram criados recentemente naquele país três partidos políticos: Partido de Esta medida pós termo a Unificação da Nigéria (U. P.N.), Partido do Povo Nigeriano (NPP) e Partido Nacional da Nigéria (NPN). As eleições estão previstas para 1 de Outubro do próximo ano.

O Chefe de Estado da Nigéria e Presidente do Supre-

mo Conselho Militar, é o general Olusegun Obasanjo, que está no poder desde 24 de Fevereiro de 1976. Cada um dos 19 estados em que se encontra dividido o país, é governado por um militar que indica os membros de um conselho que ele próprio preside.

Neste país de grande prestígio na África, realizou-se no ano passado o Festival Mundial das Artes Negro-Africanas (FESTAC-77).

Saliente-se por outro lado que, a Nigéria sendo um país onde 80 por cento da população que constitui a força de trabalho se dedica à agricultura, exporta principalmente cacau, mancarra, petróleo cru, sementes e óleo de palmeira, borracha e algodão.

O aniversário da República Popular da China Há 29 anos, um quarto da humanidade franqueou as portas da História

Completam-se amanhã, dia 1 de Outubro, vinte e nove anos sobre uma data que marcou o início de uma nova vida para um quarto da Humanidade. Nesse dia, em 1949, Mao Tsé Tung, o grande líder do Povo chinês e uma das personalidades mais marcantes da História contemporânea, proclamou, perante milhares de pessoas aglomeradas na Praça Tienanmen, no coração de Pequim, e perante o Mundo, a Fundação da República Popular da China.

Era o coroamento da mais árdua e mais longa luta travada por um Povo contra toda a casta de inimigos externos e internos. Depois da expulsão, do invasor japonês, que sonhara, à boa maneira dos seus aliados nazis que puseram em fogo a Europa, anexar o velho Império do Meio ao seu fantástico Império do Sol Nascente, o Partido Comunista da China teve que se defrontar decisivamente com os seus aliados temporários da luta anti-japonesa, os re-

presentantes da burguesia «compradora», serventúria do imperialismo, organizados em torno do Kuomintang de Chiang Kai-Chec.

Ao cabo de uma guerra popular prolongada de dezenas de anos, o povo chinês, fazendo pulsar como um só os seus 800 milhões de corações, emergia da Idade Média e do mais bárbaro feudalismo, para entrar, em passos de gigante, numa nova era de felicidade e de progresso. Volvido era o tempo em que a China fôra impunemente intimidada, insultada e saqueada pelas potências imperialistas.

Mao Tsé Tung, à frente do destacamento de vanguarda do Povo Chinês, o Partido Comunista, traçou as grandes linhas do desenvolvimento social e económico que haveriam de conduzir uma quarta parte da Humanidade a uma era de prosperidade e ao lugar, que por direito lhe cabia, de potência económica de primeira grandeza.



O início dum novo tempo histórico: Mao Tsé-Tung proclama a República Popular da China

«SALTAR EM FRENTE»

Era mais uma luta árdua e prolongada que o Povo chinês encontrava pela frente. Mas, habituado aos sacrifícios sem outra contrapartida que não fosse mais miséria e opressão, as grandes massas do campesinato e do operariado chinês enfrentaram com alegria e inesgotável tenacidade os novos sacrifícios que lhes eram exigidos, conscientes

de que construíam, por fim, uma vida mais feliz para si e para os seus filhos.

Em 1958, nove anos após a tomada do poder pelo povo, o sistema de exploração cooperativa das terras era predominante em todo o território chinês, coexistindo embora com explorações individuais de tipo familiar que, a pouco e pouco, iam sendo integradas no sector cooperativo, e deu-se início a uma nova era de transfor-

mações. As grandes cooperativas agrícolas, baseadas até aí num regime de exploração colectiva, começaram a constituir-se em comunas populares, estruturas de base do poder estatal.

Também o desenvolvimento da indústria pesada começava a apontar para a necessidade de um novo salto em frente. Na China tinha surgido, finalmente, uma classe operária numerosa e coesa, apta a assumir o papel histórico dirigente.

As contradições entre o velho e novo, entre as forças do passado e as do futuro, entravam numa nova fase do seu desenvolvimento. Muitas e grandes batalhas estavam ainda por travar na longa guerra de classes que Mao Tsé Tung classificou de Revolução Ininterrupta.

Hoje, após vinte e nove anos de duras batalhas, a República Popular da China ocupa o lugar que por direito lhe cabe no concerto das nações livres do Mundo.

SEMANA DE FILMES

A semana de filmes Chineses será inaugurada, hoje às 21 horas, com a exibição de «Flôr Vermelha nas Montanhas Tienshan», filme argumental a cores. Amanhã, domingo, à mesma horas aliás todos os filmes a serem apresentados têm o início marcado para 21 horas), será projectado o filme de argumento «Tung Tung Tsun-rui».

Reintegração de trabalhadores exonerados

(Continuação da 1.ª página)

dores que venham a ser reintegrados readquirem os direitos perdidos em razão da sua exoneração pelo Decreto n.º 16/77.

2. O lapso de tempo que medeia entre a data de exo-

neração e aquela em que os trabalhadores vierem a ser reintegrados, será contado para efeitos de futura aposentação, mediante o pagamento da correspondente compensação, por desconto, no, máximo de 24 presta-

ções mensais.

Art.º 3.º — Os pedidos de reintegração serão apreciados e decididos pelo Comissário Principal do Conselho de Comissários de Estado, mediante informação do Comissário respectivo.

Escola Média de Direito

Uma breve cerimónia realizada ontem à tarde no Comissariado de Estado da Justiça, a que assistiram o camarada Fidélis Cabral de Almada, do CSL e Comissário da Justiça e o embaixador de Portugal no nosso país, senhor Pinto França, marcou o fim das conversações que vinham sendo entabuladas desde o passado dia 25 do corrente entre o Comissariado da Justiça e uma delegação do Ministério da Educação e Cultura português, com vista à criação de uma Escola Média de Direito no nosso país.

As delegações analisaram exaustivamente o projecto e concluíram que a criação de uma Escola de Direito responde a uma necessidade de formação de quadros de nível intermédio na República da Guiné-Bissau, nomeadamente, nos sectores da Magistratura, Advocacia, Administração da Empresa e Administração Pública, em geral.

Esperamos apresentar numa das nossas próximas edições algumas referências sobre as conclusões chegadas nas conversações e partes das intervenções feitas pelo Comissário da Justiça e o embaixador português

ULTIMAS NOTICIAS

REMODELAÇÕES NA GUINÉ

DAKAR — El Hadje Amadou Dia, o foi afastado das suas funções de governador da região administrativa de Dalaba anunciou um comunicado do Comité Central do Partido Democrático da Guiné (PDG), difundido pela Rádio Conakry captada em Dakar. O comunicado acrescenta que o secretário da organização do Bureau Federal de Dalaba e dois directores de empresas comerciais do Estado da mesma região foram igualmente afastados. O texto indica que estas medidas foram tomadas no seguimento de um inquérito efectuado por dois membros do Comité Central, entre os quais o ministro da Justiça, sobre as acusações de militantes de Dalaba contra o Bureau Federal». (FP)

APELO A GREVE GERAL NO IRAO

TEERÃO, 29 — A hierarquia chiita de Teerão e a «Frente Nacional» lançaram uma palavra de ordem de greve geral em Teerão para amanhã, como sinal de protesto contra as medidas tomadas pelas autoridades iraquianas contra o Ayatollah Khomeini, anunciou um comunicado da «Frente Nacional». Esta frente, a mais importante organização política da oposição, lançou a palavra de ordem a todo o Irao.

A Dinamarca oferece 4.600 toneladas de arroz

O Governo da Dinamarca, através do seu organismo para a cooperação DANIDA, ofereceu ao nosso país 4.600 toneladas de arroz, no valor aproximado de 207 mil dólares, na sequência de um apelo internacional lançado pelo nosso Governo, a fim de fazer face à seca no ano agrícola de 1977. O arroz já se encontra no porto de Bissau, transportado pelo cargueiro «Pacífico Klif».

Este gesto de solidarieda-

de foi já precedido por vários outros países e organizações internacionais.

Recorda-se ainda que a Dinamarca tem vindo a dar uma apreciável contribuição ao nosso país no grande esforço de desenvolvimento e reconstrução em que estamos empenhados. Toda a sua ajuda é canalizada por intermédio dos organismos especializados das Nações Unidas.